



OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA PESQUISA: REFLEXÃO SOBRE A NARRATIVA DE UMA ALUNA DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA ACERCA DE SUA EVASÃO

Léia Alves de Oliveira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Oliveiraguerra5@gmail.com

Temática: História, Filosofia e Educação Matemática

Resumo: Este artigo apresenta um movimento principiante de pesquisa de mestrado, uma proposta inicial a partir de narrativas de evadidos do curso de Licenciatura em Matemática, sendo assim apresentamos aqui uma primeira reflexão em uma (auto)biografia quanto a possíveis fatores que contribuíram para a evasão do curso e se esses fatores apresentam relação de colonialidade de poder, de saber ou de ser, desta maneira contaremos a história que não está nos documentos, mas na narrativa desta aluna que vos escreve, também evadida. Com o objetivo de analisar a narrativa quanto a possível colonialidade no exercício profissional dos formadores de professores, para tanto utilizaremos a pesquisa bibliográfica, elaborando as sínteses dos textos citados neste artigo. Este trabalho intenciona provocar um pensar descolonial, ou melhor, dar espaço para que de alguma maneira a voz do subalterno possa falar, e ainda mais, que de alguma maneira seja ouvido, um alcance da voz do subalterno, do outro, que em algum momento fala e que alguém o irá ouvir num dia desses.

Palavras-chave: Colonialidade; Evasão; Licenciatura em Matemática

Introdução

É surpreendente como, no curto tempo de sua existência, a espécie humana tornou o encontro do indivíduo com o outro um ato sujeito a arrogância, a inveja, a prepotência, a ganância e à agressividade. Transcender esse comportamento é o grande objetivo da ética. Mas a que ética devemos estar subordinados? (D'AMBROSIO, 2008, p. 81)

O principal objetivo dos cursos de licenciaturas é formar professores para atuarem ao longo da educação básica, como também de prepará-los para observarem e refletirem sua prática de forma crítica. É notório que a formação destes profissionais é de suma importância para todas as outras profissões, sendo fundamental desde cedo na vida dos alunos, pois são estes que favorecem o avanço da ciência bem como o desenvolvimento intelectual e ético das pessoas, são estes que ensinam os conhecimentos acumulados das diversas áreas, preparam o alunos para se tornarem críticos e conscientes para a vida em sociedade. Também são esses que incentivam os alunos a descobrirem e desenvolverem seus talentos e competências, com o intuito de preparar bons profissionais, o que permite o desenvolvimento e a continuidade dos

avanços científicos e culturais da sociedade.

Destacando que esta profissão deveria ser considerada nobre, pela importância e pelo papel social que exerce, mas que se encontra em decadência vista a baixa atratividade da profissão. Sendo esta uma das profissões menos valorizadas em nosso país, e que traz como consequência a baixa procura pela formação.

Pesquisas revelam que a evasão é um dos maiores obstáculos na formação de educadores, destaco os estudos de Manrique (2009), que aponta que no ano de 2005 existiam no Brasil 457 cursos de matemática, enquanto em 2006 esse número já havia sido elevado para 567, um aumento de quase 25% em apenas um ano. Por outro lado, segundo Libâneo (2011), dos 134.000 formados em matemática apenas 43.000 estavam em sala de aula (LIBÂNEO, 2011). Outro fato importante é que nas últimas décadas presenciamos o aumento na demanda de professores devido à expansão das escolas, fato que gerou um aumento na oferta de cursos de licenciatura no país, porém segundo Gatti (2011) a evasão nesses cursos chega a um índice de 70%, ou seja, apenas 30% dos seus egressos concluem a licenciatura. Ainda segundo Gatti (1997) os ingressantes em licenciatura em matemática apenas 6,2% concluem a graduação. Visto que esses dados são extremamente preocupantes, pois o número de formados não é suficiente para a demanda de docentes de matemática na educação básica.

Sendo assim, neste artigo iniciaremos uma discussão com base em uma narrativa de uma acadêmica que evadiu do curso de licenciatura em matemática analisando as representações que indicam sua exclusão, considerando que ela se constitui em seu próprio discurso, assim contarei à história que não está nos documentos, mas no relato da evadida. Objetivando analisar a Educação Matemática numa dimensão multicultural, para alcançarmos este objetivo utilizaremos a pesquisa bibliográfica, elaborando as sínteses dos textos citados neste artigo.

A (auto)biografia da evadida

Meu nome é “Maria Clara”, nasci no estado do Paraná, mas moro aqui em Mato Grosso do Sul há mais de 15 anos, vim morar aqui justamente para cursar graduação em licenciatura plena em matemática, na época (2003) o meio de ingresso era por meio do vestibular. Entrei no curso por ser gratuito, por já ter irmãos que moravam na cidade onde iria fazer a graduação, porque na disciplina de matemática sempre tive facilidade para aprender os conteúdos de até então. E foi na graduação que me surpreendi com as dificuldades,

dificuldades não apenas de conteúdo, estes até eram difíceis, mas superáveis, dificuldade mesmo foi em alguns relacionamentos com os professores, pareciam que não estavam ali para nos ensinar, mas para “demonstrar” nossas “incapacidades”. Não posso deixar de mencionar que isso não se dava com todos os professores, mas em alguns já foi terrível.

O curso era noturno e a maioria dos alunos da nossa turma trabalhava, as aulas começavam as 19:00 horas e duravam até as 23:20 horas, eram 5 aulas mais o tempo de intervalo, era muito cansativo. No início éramos em 43 alunos (40 que estavam ingressando e 3 que por seus motivos tinham trancado ou desistido anteriormente). Essa era a primeira turma do curso de licenciatura plena em matemática naquela unidade estadual de ensino superior, antes se denominava ciências com habilitação em matemática, boa enfim, estava diante de mim uma guerra que não conhecia os porquês e para quês...

O primeiro ano foi o mais tranquilo porque como eu era menor de 18 anos não podia trabalhar em período integral então tinha tempo para desenvolver as listas de exercícios (me lembro de algumas que tinham mais de 200 exercícios sem contar as a,b,c,...), com isso podia ajudar meus amigos da turma, mas no segundo ano comecei trabalhar integralmente, assim também não tinha tempo para resolver muitos exercícios como antes, fazia sim, mas não toda a lista. No fim do segundo ano fui convidada a participar de um projeto de iniciação científica, nossa fiquei muito empolgada.

Assim no terceiro ano da graduação me dedicava ao curso em si e mais quatro horas diárias ao projeto (quatro dias da semana), iniciamos com as primeiras definições, demonstrações, proposições, corolários e outros estudos do tema de EDO (Equações Diferenciais Ordinárias). Sempre funcionava assim; o professor me falava sobre alguma definição e pedia pra que eu estudasse e desenvolvesse no próximo encontro algumas demonstrações, havia algumas que não conseguia e quando isso acontecia “nossa” era terrível escutar as reclamações e sempre a palavra “burra”, quantas vezes escutei a frase interrogativa: “você é burra?, como não consegue?”, realmente foram muitas as vezes, me lembro que alguns amigos partilhavam disto comigo me diziam pra abandonar o projeto, mas continuei nem sei exatamente o porquê, foi um sufoco, mas enfim findamos o ano. Quando iniciei o quarto ano pensei que seria o último ano, mas não foi bem assim. Continuava trabalhando em um frigorífico das 3:00 horas da manhã até aproximadamente as 14:00 horas, quando chegava em casa apenas tomava banho comia alguma coisa e ia para a faculdade, nos últimos meses já

era um martírio, parecia que estava indo para ser torturada, acho que o professor também. Porque era ainda mais evidente seu descontentamento e cada vez mais ele repetia aquela desagradável pergunta: “você é burra? Como não consegue?” Me lembro até hoje do nosso último encontro de projeto, ele tinha pedido uma demonstração que até mesmo os livros trazem como aceitação, por mais que procurasse, não encontrei, em todos os meios possíveis, fui até um outro professor que desenvolvia o mesmo projeto com outra aluna, mas ele não pode me ajudar justificando que aquela demonstração eu não encontraria. Eu fui para o encontro com uma parte da demonstração, apenas o que eu mesma consegui desenvolver/pensar, e já sabia que seria terrível. Após alguns minutos de conversa quando tentei lhe dizer que não tinha conseguido e que também não tinha encontrado nada nos livros e na internet, fui para a lousa e comecei minha demonstração quando cheguei ao ponto que não conseguia pensar como prosseguir ele começou mais uma vez me dizer o quanto eu era fraca e isso porque segundo ele eu não me dedicava, quando ele ainda falava entrou na sala outro professor que era coordenador do curso nesta época, não me lembro o que ele foi fazer lá, mas me lembro de quando ele perguntou o que eu estava tentando fazer e o meu professor orientador cheio de toda arrogância disse mais ou menos assim; ela não consegue fazer esta demonstração, apenas iniciou, essas palavras doíam mais do que se eu realmente apanhasse, mas o coordenador em meio a sua gagueira (problema de linguagem provocado pelo surgimento de contrações clônicas ou tônicas durante a fala, responsáveis pela repetição ou bloqueios de certos sons e sílabas; gagueira, pselismo, disfemismo.) disse essa demonstração não encontramos em livros, como ela vai conseguir se até esses trazem por aceitação.

Lembro-me que ele retrucou que era iniciação científica que eu estava ali para fazer, mas o coordenador não logo deixou a sala e ele muito irritado após me dizer que eu não iria conseguir continuar já que eu não conseguia nem sequer fazer aquela demonstração me dispensou dizendo que a partir daquele dia ele não iria mais gastar o seu tempo comigo. Sai da sala muito triste porque ele tinha conseguido me provar que eu era burra, que aquele não era o meu lugar, e que se um dia eu pensei que era boa em matemática foi apenas um equívoco meu, chorei, mas ainda continuei a graduação por mais alguns meses, e por fim desisti também da graduação, já que “aquele não era o meu lugar”.

Vários anos se passaram e o meu eu interior não se esquecia da frase: “você é burra?, como não consegue?”, e comecei a pensar por que ele escolheria alguém burra pra fazer o projeto de iniciação científica, quando normalmente se escolhem alunos que se destacam, e

mais sempre tive boas notas, por eu? Porque comigo? Não encontrei até hoje uma explicação, sou parda ele branco, tenho olhos escuros ele claros, sou mulher ele homem, sou de classe baixa ele média alta, sou eu o outro para ele? Contudo encontrei forças para retomar minha graduação, fiz o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e entrei novamente no mesmo curso, na mesma universidade e na mesma unidade.

A grade do curso tinha passado por duas reformulações e por isso pouquíssimo do que tinha estudado aproveitei, tive que fazer novamente praticamente todas as disciplinas, inclusive uma com aquele meu orientador da iniciação científica, mas agora eu já tinha amadurecido muito, mesmo assim as aulas com ele eram difíceis, pois ele sempre me colocava em evidencia, perguntando sempre pra sala e quando ninguém respondia porque ele é muito arrogante, ele dizia e aí “Maria Clara”? Ou seja, vou provar que você está no lugar errado novamente.

Foi difícil, muito difícil, mas superei encontrei forças dentro de mim que não aceitavam aquela frase e guerreei como um soldado num campo de batalha onde ou se luta ou morre, mas nesta disciplina ele me segurou até a prova optativa mesmo sabendo que era eu quem ajudava muitos colegas da turma a estudar porque desta vez eu participava de outro projeto e desenvolvia atividades administrativas, por opção do coordenador e direção optaram para que eu atendesse na biblioteca da universidade, assim era bem tranquilo e eu resolvia todas as atividades que tinha no livro que ele utilizava na disciplina, mas ele não gostava do meu modo de resolver as atividades e descontava tudo que podia.

Fiquei triste porque na minha colação de grau não o vi a plateia, mas sei que EU NÃO SOU BURRA.

Pode o subalterno falar?

Com este subtítulo retomo a ideia proposta no texto de Gayatri Spivak, onde traz um olhar sobre o sujeito subalterno, aquele que não está em espaços hegemônicos de poder, nem nos grandes centros globais, mas vivem as margens de muitas violências e da falta de acessos, ou seja, o *outro* (SPIVAK, 2010). Ainda neste texto a autora traz questionamentos a respeito de se esse outro possa vir a falar, refletir e agir expondo seus conflitos. E por fim conclui que este outro não pode falar.

Como um exercício inicial de uma pesquisa de mestrado, na qual nos debruçaremos sobre na investigação da existência de possíveis fatores coloniais que possam influenciar no quadro de evasão dos cursos de licenciatura em matemática, neste trabalho iniciamos esta pesquisa analisando a narrativa (auto)biográfica; iniciando pela apresentação da evadida no primeiro parágrafo da narrativa, podemos observar assim como em muitas outras pesquisas relacionadas a evasão que o perfil é semelhante a de outros indivíduos que dão início na graduação em Licenciatura em Matemática, assim como os motivos que a levaram em optar pelo curso, sendo um curso de fácil acesso comparado a outras graduações, o gosto pela disciplina de matemática até então estudada, outro aspecto importante à se mencionar aqui é a necessidade de trabalhar para manter-se ou para uma contribuição na renda familiar. Outro aspecto é a diferença entre os conteúdos e formas de avaliação do Ensino Médio para o superior, observando que grande parte dos alunos das licenciaturas vem de escolas públicas e pessoas de diferentes idades, quando a discente fala sobre as dificuldades iniciais do curso e evidencia que a maior delas é em relação aos professores.

Neste momento coloco um pensamento a um tom de falarmos de uma graduação onde temos professores no intuito de formar outros professores (professor formador de professores), logo deveria haver por meio do professor formador uma propiciação de meios para se superar possíveis dificuldades e não o contrário como fica evidente. Ou ainda segundo D'Ambrosio “... *por que indivíduos que tiveram educação esmerada e adquiriram um bom nível de conhecimento, não são capazes de ter um comportamento adequado?*” (2008, p. 84).

Ainda podemos observar que o campo das pesquisas em educação matemática apresenta um considerável crescimento, contudo quando pesquisei os bancos de dados dessas pesquisas observei que grande parte delas estão direcionadas ao ensino de conteúdos básicos, de didáticas de sala de aula, ou seja, poucas apresentam pesquisas relacionadas aos professores formadores, sendo estes profissionais de suma importância tanto na vida dos graduandos como também a todas os envolvidos na educação escolar, logo ao convívio social.

Em seguida a aluna revela sua empolgação ao ser convidada para um projeto dentro da instituição, e este deveria possibilitar uma maior chance de conclusão do curso, já que sempre se escolhem alunos com bom desempenho nas disciplinas para tais projetos. Mas na sequência de sua fala apresenta a decepção que a participação no mesmo lhe causou. E completa com as

angustias das reclamações que decorriam de quando não conseguia desenvolver as demonstrações, e enfatiza que a palavra burra lhe incomodava.

Podemos observar no seu relato o poder que o professor fazia uso para expressar tais palavras de afronta e de desencorajamento, podemos falar aqui sobre colonialidade de poder, que segundo Quijano (1992a, 1992b) o poder está estruturado nas relações de dominação, exploração e conflito entre atores sociais que disputam o controle dos quatro âmbitos básicos da existência humana e que se organiza ao redor dos eixos da colonialidade do poder e da modernidade, para este autor:

“Colonialidade” equivale a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, o qual ou a qual é um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade. (MIGNOLO, 2017, p.13)

Ou até mesmo da colonialidade de ser, e que tal comportamento evidencia o que Maria Lugones descreve em *Colonialidad y Género*, que há alguns que pertencem a uma classe inferiorizada e mesmo assim exerce quando pode o poder e a discriminação sobre o outro, ou seja, mesmo passando por algum tipo de desvalorização o que deveria causar um sentimento de cumplicidade, mas na verdade o que temos é uma demonstração de poder sobre o outro, ou ainda melhor, pode ser um homem negro discriminando outro homem negro homossexual, uma mulher branca discriminando outra não branca, veja as duas estão na classe mulher, no entanto uma se impõe a outra por ser branca, dentre outros exemplos.

Chamo a atenção para a frase que a aluna diz que sempre ouvia do professor quando não alcançava as metas impostas: “*você é burra? Como não consegue?*”, fica evidente nesta frase a colonialidade de poder exercida pelo professor e a prisão em que a aluna se encontra, haja visto que mesmo muitas vezes sendo afrontada com tais palavras a mesma persiste e não se coloca a rebater tais afrontas, ou seja, a subalterna posição. E por fim a aceitação da aluna de que aquele não era seu lugar, será que existe então um lugar exato para cada ser? Isso quando decide abandonar o curso. Também podemos observar os fatores que muito contribuíram para tal desistência foram justamente a imposição do poder e o sentimento de incapacidade causado até então na mesma por conta desta discriminação de classe ou de intercalasses.

Observamos na narrativa um comportamento que podemos relacionar com a desobediência epistêmica que Walter Mignolo discute, quando a mesma aluna após anos fora

da universidade decide por si e por suas inquietações e ainda por não aceitar o carimbo/marca que recebera quando tinha abandonado a graduação (você é burra!), de se posicionar e enfrentar novamente a guerra para diplomar-se como licenciada em matemática. E até mesmo em sua fala de momentos nesta segunda experiência com o mesmo professor, fica claro que ela desejava provar para ela e para ele que aquele era o lugar dela se ela o quisesse, ou seja, ele não pode mais a rotular como ela o sentiu que ele o fez anos atrás.

Considerações Finais

Por meio desta discussão é possível observar as dificuldades pela aluna no seu particular percurso de graduação, suas dificuldades particulares e sociais não foram apenas os elementos que a excluía da academia, mas sim a colonialidade em suas diversas formas de atuar. E é ainda possível observar muitas semelhanças nesta narrativa com aspectos de outras pesquisas relacionadas ao tema evasão escolar, em particular na licenciatura em matemática.

Como já mencionado, este é um movimento inicial de pesquisa em que buscaremos por elementos outros (ainda não discutidos em geral por pesquisas do tema) que levam ao abandono do curso em questão, e que também causam outros sentimentos nos indivíduos evadidos, e nesta reflexão inicial encontramos indícios de elementos novos, elementos modernos/coloniais.

Este trabalho possibilita um pensar descolonial, ou ainda, dar espaço para que de alguma maneira a voz do subalterno possa falar, e ainda mais que de alguma maneira seja ouvido, um alcance da voz do subalterno, do outro, que em algum momento fala e que alguém o irá ouvir num dia desses.

1. Agradecimentos

Agradeço a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que me abre a janela pela qual vislumbro um horizonte mais elevado. A companheira e amiga Ana Maria de Almeida pela atenção e auxílio na escrita e leituras assim também de igual modo a minha orientadora professora Dra. Luzia Aparecida de Souza por todo incentivo neste início de pesquisa, a professora Dra. Ângela Maria Guida pela disciplina Tópicos Especiais em Educação Matemática: Educação Matemática e pensamento liminar ofertada por meio do programa PPEDUMAT a qual me despertou sobre a temática da colonialidade. A Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo programa de apoio e financiamento a alunos de pós-graduação.

Referências

D'AMBROSIO, U.: *Educação: do conhecimento disciplinar ao transdisciplinar e a questão de valores*. Foz do Iguaçu. V.10 – nº1 – p.79-91, 2008.

GATTI, B. A. *Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

_____. *Políticas Docentes no Brasil: um estado da arte*. Brasília: Ministério da Educação, 2011.

LIBÂNEO, J. C; OLIVEIRA, J. F; TOSCHI, M. S. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUGONES, M. “*The Colonialidad y Género*”. Worlds & Knowledges Otherwise, 2008.

MANRIQUE, A. L. Licenciatura em matemática: formação para a docência x formação específica. *Educação Matemática Pesquisa*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 515-534, 2009.

MIGNOLO, W.: *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. 1ª ed., Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. *Epistemologias do sul*. 1ª ed., Foz do Iguaçu, PR: Ed. UFMG, 2017.

SPIVAK, G.C.: *Pode o Subalterno Falar?* Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: Boaventura de Sousa Santos; Maria Paula Meneses (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

_____. “*Colonialidad y modernidad/racionalidad*” em Perú Indígena (Lima) Vol. 13, Nº 29, 1992a.

_____. “*‘Raza’, ‘etnia’, ‘nación’ en Mariátegui: cuestiones abiertas*” em Forgues, Roland (ed.) José Carlos Mariátegui 139 y Europa. La otra cara del descubrimiento (Lima: Amauta),1992.